

ENTREVISTA

HISTÓRIA E ESPORTE

GEORGES VIGARELLO*

Entrevista e tradução
Denise Bernuzzi de Sant'Anna**

Georges Vigarello é historiador francês, professor da *Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales*, membro do Instituto Universitário da França e presidente do Conselho Científico da Biblioteca Nacional da França. Especialista em história do corpo, Vigarello publicou inúmeros livros, traduzidos em diversas línguas, sobre saúde, higiene, virilidade, esporte e beleza. Esta entrevista foi realizada em Paris, no dia 10 de dezembro de 2013.

DENISE BERNUZZI: *O senhor prefere fazer a história do esporte ou dos esportes?*

GEORGES VIGARELLO: G.V. Esta é uma grande questão. De fato existe uma história dos esportes que não se sobrepõe, necessariamente, às modalidades que cada um escolhe. É muito interessante perceber como alguns esportes desaparecem, enquanto outros, ao contrário, ganham

maior visibilidade com o passar do tempo. Penso, por exemplo, no boxe: no fim do século XIX e no começo do XX, suas imagens eram estampadas nas capas de várias revistas. Tratava-se portanto de um esporte de grande evidência, bastante visível socialmente. Mas esta visibilidade foi reduzida na medida em que o gosto diante da força e da violência físicas mudou. Já o basquete, ao contrário - desenvolvido nos Estados Unidos na década de 1920 e na França entre 1920 e 1930 – mantinha-se discreto enquanto imagem pública e, mais recentemente, conquistou uma crescente visibilidade. O basquete, junto com outros esportes que antes eram pouco exibidos, ganharam maior importância na medida em que eles mostraram ser mais adaptados para a televisão do que outros. Na minha opinião, eles exerceram uma certa sedução graças à imagem, em particular, à transmissão televisiva. Em suma, ao fazer uma história dos esportes, podemos realizar comparações entre eles, perceber como alguns se tornaram sedutores enquanto que outros foram parcialmente rejeitados.

Já uma história do esporte, no sentido amplo dessa expressão, permite que se perceba o gosto em relação à atividade esportiva como um todo. Esta história é importante por várias razões. Primeiro porque este gosto evidencia a sedução em relação à excitação do esporte no presente, revelando algo que é da ordem do laico e também nosso gosto em relação à técnica e ao uso das máquinas. Segundo, porque ela mostra a nossa relação com a temporalidade, com as formas de comunicação e as maneiras pelas quais a cultura dos jogos entrou na modernidade. Ao mesmo tempo, interessar-se por uma história do esporte é uma maneira de apreender como e por quais razões uma coletividade escolhe certos jogos e passa a existir por meio de sua realização. E, ainda, se interessar pela história do esporte é um modo de entender nosso gosto pelo enfrentamento físico, pelos investimentos feitos dentro de uma equipe. Isso só aparece quando se tem uma visão global do esporte. É desse

modo que se percebe, por exemplo, como o esporte está entrelaçado às nossas relações com a tecnologia.

DENISE BERNUZZI: *Em seu livro intitulado “Une histoire culturelle du sport, techniques d’hier et d’aujourd’hui (ed. Robert Laffont, 1988), é possível perceber as similitudes mas também as distâncias existentes entre as técnicas desenvolvidas por cada modalidade esportiva.*

GEORGES VIGARELLO: Exatamente, nesse estudo eu pude constatar que é possível fazer tanto uma história das técnicas, diferenciando cada esporte, como uma história das técnicas cruzando os diversos esportes. Desse modo, podemos entender como as técnicas atuais penetram o conjunto do universo esportivo, incluindo questões relacionadas aos materiais utilizados, às pistas de atletismo, aos estádios de futebol, aos acessórios técnicos.

DENISE BERNUZZI: *Pode-se dizer que existe uma história das técnicas mas também dos gestos e posturas físicas, fundamentais em cada modalidade: esqui, futebol, natação, boxe, etc. Entretanto, há também uma história da técnica em geral, que influencia toda a atividade esportiva assim como a caracteriza.*

GEORGES VIGARELLO: Sim. Eu analisei historicamente diversos esportes, a Copa do Mundo de futebol, o ciclismo e, em particular, o Tour de France. Mas há uma história da técnica que atravessa todas as modalidades. Além disso, a maneira pela qual a técnica atravessa cada modalidade se modifica ao longo do tempo. Desse modo, quanto mais uma prática se torna sedutora, mais ela é investida por financiamentos e capitais, incluindo a publicidade e a ação dos meios de comunicação de massa. Existe portanto uma história sobre como as técnicas mais performáticas investem o universo esportivo. Por exemplo, na década de 1920 esses investimentos precisavam de anos e atualmente eles levam menos de alguns dias. A história dos meios de comunicação de massa

pode portanto ser melhor compreendida por meio do desenvolvimento esportivo.

DENISE BERNUZZI: *Parece-me que é relativamente recente a transformação do esporte em tema amplamente trabalhado pelos historiadores. Na sua opinião, quais seriam os principais desafios para a pesquisa histórica?*

GEORGES VIGARELLO: Antes de responder propriamente, gostaria de contar que, em Paris, nos últimos anos, houve uma multiplicação do número de seminários universitários sobre o tema do esporte. Hoje há dezenas de cursos sobre a experiência esportiva, ao passo que no passado recente eles não existiam. Na década de 1980, por exemplo, havia um ou dois, eu mesmo ministrei um curso sobre este tema na EHESS. Ora, hoje há cerca de cinquenta seminários universitários, inclusive dentro da Escola Normal Superior.

DENISE BERNUZZI: *Consequentemente existem mais livros, teses e artigos sobre o tema.*

GEORGES VIGARELLO: Claro, há um leque variado de publicações e de coleções sobre a história do esporte. Pode-se também perguntar a qual público toda essa publicação se dirige. Incontestavelmente, o público que vai aos estádios não é aquele que lê os livros acadêmicos sobre o esporte. Da mesma maneira, os livros teóricos sobre o esporte são reservados a um universo acadêmico que ainda hoje se mantém restrito. Mas, em compensação, a produção teórica interessa hoje a diferentes áreas do conhecimento e certamente deixou de ser secundário fazer uma tese sobre algum tipo de esporte.

DENISE BERNUZZI: *E retornando então à questão: por quais razões há um crescente interesse em compreender o esporte?*

GEORGES VIGARELLO: Essa questão me interessa bastante. Eu penso que entre 1950 e hoje, muitas transformações sociais e esportivas explicam o crescimento de um tal interesse. A primeira refere-se à significativa importância das práticas corporais desde o pós-guerra. A segunda diz respeito à crescente presença do espetáculo esportivo televisionado. Conforme pesquisas realizadas atualmente, a presença do esporte na televisão também se tornou maior. As notícias e reportagens esportivas ocupam hoje um tempo bastante significativo naquele meio de comunicação. Paralelamente, no cotidiano, as práticas esportivas ganharam um crescente espaço nas ruas, nas maneiras de lidar com o corpo e a saúde, nos locais de lazer e descanso. Na França, quando ligamos o rádio logo cedo, é muito comum que a primeira notícia do dia seja esportiva. Diante dessa presença massiva do esporte, é difícil não se interessar pelo seu estudo.

DENISE BERNUZZI: *Talvez haja aqui algo que permaneça ao longo do tempo, embora com mudanças importantes em seu conteúdo e significado: refiro-me ao heroísmo promovido e alimentado pelo esporte.*

GEORGES VIGARELLO: O tema do heroísmo no esporte é magnífico e vários livros a este respeito já foram escritos. Penso, em particular, no belo livro de Pascal Duret, sobre o herói esportivo,¹ ou em várias passagens escritas por Alain Eherenberg, sobre diversos tipos de heroísmo.² Quando pensamos no heroísmo dentro do esporte, a grande questão dos modelos vem a tona. Modelos que funcionam como guias e que em várias circunstâncias exercem a função dos santos: colocados em pedestais, aparecem como personagens excepcionais. Ora, esses modelos mudaram, especialmente depois deles terem migrado para dentro das sociedades democráticas. Nestas, suporta-se menos o modelo distante e inacessível porque se tem necessidade de modelos mais participantes socialmente, que em certa medida, sejam parecidos com as demais

pessoas e não estejam assim tão distantes de nós. Modelos que sobretudo mostrem o quanto nós também podemos ter acesso à alguma coisa excepcional e singular.

DENISE BERNUZZI: *Hoje haveria portanto a busca de heróis tão únicos quanto comuns?*

GEORGES VIGARELLO: É numa imbricação de caminhos que vejo o herói esportivo de hoje: acessível mas ao mesmo tempo capaz de mostrar que podemos atingir uma singularidade, uma condição de inacessível. São modelos de heroicidade portadores de dinâmicas bem mais fáceis de serem identificadas na vida cotidiana do que já foram no passado. Antes, os heróis ocupavam um cenário elevado, fora do mundo humano. Enquanto que hoje este cenário mostra-se acessível. Entretanto, é por isso mesmo que o modelo de heroísmo construído atualmente é extremamente móvel. E as mudanças desse modelo ocorrem muito rapidamente fazendo com que uma referência de hoje não seja mais aquela de amanhã, e assim por diante. Sobre isso, lembro-me de um texto sobre o herói, de Violette Morin, na Enciclopédia Universalis, no qual ela explica que mal nos acostumamos a um tipo de modelo, outro já está em vias de aparecer e se impor diante de nós.

DENISE BERNUZZI: *Seria este um paradoxo da época contemporânea, ou seja, a rapidez produtora de novos heróis e, ao mesmo tempo, o aumento daqueles que se tornam ultrapassados?*

GEORGES VIGARELLO: Sim, pois há uma aceleração da história dos modelos de heroicidade; mas há também uma aceleração da obsolescência desses mesmos modelos.

Notas

* Co-diretor do CETSAH (estudos transdisciplinares centro, Sociologia, Antropologia, História), laboratório associado ao CNRS EHESS. E membro do Institut Universitaire de France. E-mail: vigarello(at)noos.fr

** Doutorado em História pela Université Paris Diderot, PARIS VII. dbsat@uol.com.br

¹ Pascal Duret, *L'héroïsme sportif*, Paris: PUF, 1993.

² Ver, por exemplo, Alain Ehrenberg, *Le culte de la performance*, Paris: Calmann-Lévy, 1994.

Data de envio: 12/01/2014.

Data de aceite: 21/01/2014.